



Ana Carolina Feracin da Silva (org.), **Bilhetes Postais - Coelho Netto**. Campinas, Mercado de Letras, 2002.

Metáforas com endereço

Livro resgata crônicas de Coelho Netto, escritor que usava artifícios literários em jornal governista para denunciar desmandos de Floriano Peixoto

por Manuel Alves Filho

O Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, e a Editora Mercado de Letras acabam de lançar a primeira obra da coleção “Letras em Série”, projeto que resulta de minuciosas pesquisas junto à produção cronística na imprensa paulista e carioca ao longo dos séculos XIX e XX. Cada publicação focalizará um autor, apresentando várias crônicas, devidamente acompanhadas de anotações críticas e referências históricas. O escolhido para dar início à série foi Coelho Netto, escritor maranhense radicado no Rio de Janeiro, mas que teve passagem marcante por Campinas. No início do século passado, ele foi professor de literatura do Colégio Culto à Ciência e um dos fundadores do Centro de Ciências Letras e Artes (CCLA).

A organização, a introdução e as notas do livro que abre a coleção ficaram a cargo de Ana Carolina Feracin da Silva. Ela concentrou sua pesquisa numa série de crônicas publicada por Coelho Netto sob o título de Bilhetes Postais no jornal O Paiz, do Rio de Janeiro, entre os anos de 1892 e 1893, logo após a proclamação da República. De acordo com a pesquisadora, são 150 textos que retratam a cena social e política de um período bastante conturbado da vida brasileira, marcado por perseguição à imprensa, fechamento do Congresso e fortes contestações ao modelo republicano conduzido pelo presidente Floriano Peixoto. Todas as crônicas foram assinadas pelo autor com o pseudônimo “N”.

Ana Carolina explica que muitos amigos de Coelho Netto, como os escritores José do Patrocínio, Olavo Bilac e Pardal Mallet, foram presos ou desterrados por conta das críticas que faziam ao governo federal. Naquela época, alguns desses literatos, com exceção de José do Patrocínio, que escrevia no Cidade do Rio, jornal de sua propriedade, trabalhavam no jornal O Combate, publicação que fazia franca oposição a Floriano Peixoto. Coelho Netto, entretanto, escrevia para O Paiz, jornal que se revelou governista. A despeito disso, afirma ela, a série Bilhetes Postais constituiu-se numa espécie de trincheira de luta, por meio da qual o escritor maranhense denunciava os desmandos dos poderosos de então e falava sobre temas como o jogo do bicho, a carestia da carne e a substituição do bonde puxado por tração animal pelo movido à eletricidade.

Para conseguir sobreviver à mão forte da censura, esclarece Ana Carolina, Coelho Netto valeu-se de alguns artifícios. Ele mascarava as críticas usando metáforas e jogos de palavras. “Além disso, ele tratava de temas aparentemente díspares, para poder transmitir a mensagem desejada. Ou seja, começava uma crônica falando de moda, passando a imagem que se tratava de um tema leve para mulheres. Em determinada altura do texto, porém, dava um jeito de encaixar uma crítica política ou social”, diz. Conforme a pesquisadora, isso pode parecer um tanto estranho ao leitor atual, mas a intenção do autor era perfeitamente entendida por seus contemporâneos.

As notas de rodapé elaboradas por Ana Carolina têm exatamente a função de explicar ao público de hoje essas sutilezas. De acordo com ela, o tema mais recorrente da série Bilhetes Postais é a mulher, que era tratada por Coelho Netto sempre em tom licencioso. Ele também criava personagens, dos quais afirmava receber cartas. Esse recurso permitia que entrasse em inúmeros assuntos, que invariavelmente desembocavam em referências à inoperância da administração municipal, aos equívocos da política nacional e até mesmo ao sensacionalismo perpetrado pela

imprensa. “Foi o modo que ele encontrou para intervir, à sua maneira, em situações tão tensas. É possível flagrar as contradições entre as manchetes de O Paiz com o conteúdo das crônicas de Coelho Netto. Enquanto o jornal defendia os interesses do governo, o cronista falava da iminência de o edifício social cair por terra por conta do desrespeito às leis e aos princípios democráticos”.

Apesar da importância de Coelho Netto, Ana Carolina reconhece que o escritor é praticamente desconhecido do público atual. Considerado o “príncipe dos prosadores brasileiros”, ele foi autor de mais de 100 volumes, entre romances, contos, livros de memória de crônicas. Ainda assim, ganhou ao longo do tempo a pecha de ser adepto de uma literatura estéril e ornamental, que não teria compromissos com questões sociais e políticas. A pesquisadora credits esse tipo de equívoco a um certo desconhecimento da obra de Coelho Netto e do movimento da crítica literária do início do século passado, que elegeu alguns cânones e desprezou outros literatos. “Os críticos talvez tenham feito esse tipo de análise com base numa parte da sua obra, quando ele já era acadêmico e evidentemente já não mantinha mais a mesma postura da juventude”, avalia.

O projeto “Letras em Série” nasceu em 1998. A partir de então, Ana Carolina debruçou-se sobre a obra de Coelho Netto. Ela utilizou como fontes de pesquisa, além das edições de O Paiz, livros históricos e de memória de vários autores. A edição é enriquecida com diversas imagens, algumas reproduzidas da Revista Ilustrada, publicação do final do século passado. O trabalho contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). O objetivo da coleção, segundo ela, é colocar em discussão obras de escritores preocupados com questões políticas e sociais e que deixaram, por meio dos seus textos, o testemunho de uma determinada época. Isso vale tanto para literatos “malditos”, como Coelho Netto, como para os cânones. O segundo volume da coleção deverá falar sobre a obra de Bastos Tigre e o terceiro, de Machado de Assis.

* Publicado em Jornal da Unicamp, 182, 29 de julho a 4 de agosto de 2002